

Sonho é casa de alvenaria

Tijolos cozidos, portas de madeira e janelas em esquadrias de ferro; todo este material compõe uma morada de sala, dois quartos, cozinha e banheiro. Esta é a dimensão do sonho de Carlos Aparecido da Silva, funcionário dos Correios e Telégrafos, que a partir do próximo mês estará se concretizando. Do barraco miserável de madeira que ocupava na 110 Norte, em companhia da esposa Cleoides e de dois filhos, o salto para a Barrolândia, até o momento, não foi de grandes proporções. Por enquanto, ficam no barraco construído com material da antiga invasão, até finalizar a construção na nova casa.

Cleoides diz que o marido não tem dificuldades para se deslocar de casa para o trabalho, no Plano Piloto. Conta com ônibus circular, que o leva até até a Rodoviária de Brasiliinha. Dali, pega uma outra condução até a ECT. Tem esperanças de concluir sua casa no prazo previsto, lembrando ter sido a saída da 110, "o que de melhor lhe aconteceu". Lá, ficaria o resto da vida num barraco, com seus filhos arrastando-se na lama e convivendo com ratos e mosquitos, usando fossas comuns.

Rosivaldo da Silva Aguiar relutou em deixar a invasão onde tinha uma bisca, onde trabalhava com ajuda da mulher. numa visita que fez a Brasiliinha, sofreu violência por parte de um grupo de policiais. Esteve por desistir. Resoveu "dar a volta por cima" e integrou-se ao grupo de trabalho que colabora com Maria do Barro na administração do assentamento. Ela costuma ir lá, onde tem casa, duas ou três vezes por semana. Havia necessidade vai mais, chegando a ficar por certos períodos. Rosivaldo cercou

ADAUTO CRUZ



Moradias têm espaço para plantio de culturas

seu lote e plantou canteiros de área verde e junto à cerca, colhendo favas e mandioca.

Diz que o trabalho maior tem sido convencer os "acomodados" a construir suas casas de tijolos, lembrando que todo material necessário é posto à disposição pela Fundação. O grupo tem-se conscientizado e, segundo Rosivaldo, é cada dia maior o número de moradias erguidas, embora muitos lutem com dificuldade. Afirma ter havido uma mudança de mentalidade com a transferência para a Barrolândia. As arruaças que ocorriam na 110 já não se verificam tanto, salvo por excessos de um ou outro nas biroscas, prontamente desestimulados pelo policiamento que faz rondas constantes.

AGUA

Mais água do que cachaça foi o que Pedro Antônio da Souza resolveu fornecer na tendinha montada na "Vila da Prefeitura", como ficou conhecido o local onde foram instaladas as famílias removidas da Feira de Brasiliinha. Ele vivia num barraco com a mulher Silivena, três filhos, e a no-

ra Míriam, que na época estava grávida. A neta de Pedro nasceu na Barrolândia, para onde foi em julho último, estando com três meses.

Sua primeira providência, ao receber o lote, foi abrir uma cisterna com 16m de profundidade. Parou de cavar quando a água aflorou para, em seguida, atingir lençol de dois metros. A água que sobrava após abastecer sua família ele depositava nos latões dos vizinhos, ajudando o trabalho dos carros-pipa. Outros três fazem o mesmo.

Mãe de nove filhos e com o marido Arnaldo Pereira da Silva vivendo de biscoates por ter "sete doenças", que lhe fizeram perder o emprego em loja de material de construção, em Sobradinho, Lenilce Alves da Silva é a imagem da alegria, apesar da pobreza em que vive. Seu terreno está plantado de mandioca e abóbora, que já produziram, mas agora "estão derrubadas, maltratadas pelo excesso de chuva". Com voz forte ela entoa hinos religiosos que vão longe, enquanto bate roupa na tábua ao lado do pneu adaptado em bacia.